

ITINERÁRIOS DE ALFABETIZAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Caroline Brandelli Garziera¹

Mariana de Souza Arieta²

Eixo temático: 10 - Alfabetização e ensino remoto: desafios, aprendizados e perspectivas.

Resumo: O presente artigo trata-se de um relato de experiências a partir das práticas desenvolvidas no Colégio Marista Rosário, no decorrer dos anos de 2020 e 2021, no que tange ao processo de alfabetização em tempos pandêmicos, considerando a pandemia da COVID-19. O Colégio Marista Rosário conta com mais de 450 educadores no atendimento a mais de 3200 estudantes. As práticas metodológicas desenvolvidas na escola são embasadas nos documentos institucionais, dentre eles, o Projeto Educativo do Brasil Marista e as Matrizes Curriculares do Brasil Marista, que conferem sentido às práticas desenvolvidas aqui relatadas e adaptadas frente às necessidades de ensino remoto, presencial e bimodal. No presente registro, descreve-se os itinerários percorridos ao longo deste período compreendido entre março de 2020 e junho de 2021, nos quais foram necessárias medidas de distanciamento social. Neste contexto, estudantes e professores vivenciaram situações inéditas de alfabetização por meio da tecnologia e do ensino remoto. Trata-se de um estudo qualitativo, através de um relato de experiência, cuja metodologia utilizada é de cunho bibliográfico. Serão explicitadas estratégias utilizadas inicialmente e as modificações que foram sendo propostas, a fim de qualificarmos o processo de alfabetização diante do contexto pandêmico. O artigo reforça ainda a importância de sistematizar as práticas desenvolvidas e compartilhá-las com a comunidade para que outras aprendizagens sejam fomentadas, dentro dos mais diversos contextos educacionais.

Palavras-chaves: Alfabetização; Itinerários; Sistematização; Pandemia; Ensino remoto.

1 Introdução

Localizado em Porto Alegre - RS e com 117 anos de atuação, o Colégio Marista Rosário é considerado uma das mais tradicionais escolas gaúchas e faz parte da Rede Marista, Província Brasil Sul-Amazônia. O Colégio conta com pouco mais de 3.200 estudantes da Educação Infantil até o Ensino Médio e aproximadamente 450 educadores, entre professores e técnicos administrativos.

O presente estudo trata do percurso da instituição ao longo do período da pandemia da covid-19, no que tange aos processos de ensino e aprendizagem no processo de

¹Mestranda em Educação pela UFRGS. Coordenadora Pedagógica do Colégio Marista Rosário em Porto Alegre, RS. Contato: carolinebrandelligarziera@gmail.com

²Mestranda em Educação pela PUCRS. Orientadora Educacional do Colégio Marista Rosário em Porto Alegre, RS. Contato: msarieta@gmail.com

alfabetização, considerando as recomendações dos Conselhos Nacional e Estadual de Educação (CNE e CEED/RS), através de um relato de experiência, de caráter qualitativo. O objetivo é apresentar as diferentes práticas adotadas para contemplar o contexto adverso e a consolidação da alfabetização dos estudantes.

Serão abordadas questões de implementação do ensino remoto e suas trajetórias, itinerários de acompanhamento e suporte aos docentes, práticas desenvolvidas para o acompanhamento aos estudantes, a importância das famílias no ensino remoto, as possibilidades de retorno presencial e como tais questões foram conduzidas pela instituição, além de apresentar resultados e as considerações finais.

2 Referencial teórico

2.1 Implementação do ensino remoto para o 1º ano do Ensino Fundamental - itinerários percorridos

(...) quem espera ter clareza total e segurança máxima para mudar, não quer mudar. Em educação não há estrada asfaltada. O caminho se faz caminhando e quem vai na frente se arranha e se espeta. Ou, se preferir ir pela água, estará nadando contra a corrente. (CRUZ, 2015, p.19)

A pandemia declarada pela Organização Mundial da Saúde em março de 2020 desencadeou uma ruptura abrupta nas rotinas escolares. Diante do distanciamento social, a escola foi impelida a buscar estratégias para garantir que as aulas continuassem acontecendo.

Em um primeiro momento, diante da urgência do contexto, materiais foram disponibilizados pela plataforma *Moodle*, da qual a instituição já fazia uso nos Anos Finais e Ensino Médio, sendo uma novidade e uma inovação para o segmento dos Anos Iniciais. Essa implementação demandou formação e apropriação da parte da comunidade educativa. Levando em conta a faixa etária de seis anos de idade e a pouca autonomia evidenciada pelos estudantes para manusear as ferramentas tecnológicas, fez-se necessária uma parceria ainda mais estreita com as famílias.

As atividades ocorreram, inicialmente, de maneira assíncrona, através de videoaulas e explicações inseridas nos arquivos das respectivas propostas. Diante deste cenário, as famílias manifestaram certa dificuldade em acompanhar e mediar as tarefas. Com isso, foram oferecidos tutoriais e momentos de reunião, nos quais as professoras instrumentalizaram as famílias para possibilitar intervenções mais assertivas.

Com o prolongamento do tempo de isolamento social, foi necessária a ampliação da oferta de aulas síncronas, através da plataforma *Teams*, demandando uma nova

aprendizagem para todos. Neste momento, as turmas passaram a ser divididas em grupos menores, por nível de alfabetização visando à diversificação de estratégias no acompanhamento do professor e à potencialização das aprendizagens dos estudantes, através de um atendimento personalizado. Gradativamente, foram sendo ampliados os tempos, bem como a oferta de momentos individualizados com as professoras, de acordo com as especificidades dos estudantes e visando à construção de vínculos mais sólidos, mesmo que de forma remota, considerando o vínculo como um importante ingrediente para o desempenho escolar.

Com amparo nos documentos institucionais, optou-se por considerar as características da faixa etária, respeitando o tempo e a suportabilidade frente às telas. Colégios e Unidades Sociais da Rede Marista (2015, p. 25), afirmam que

As crianças têm direitos que devem subsidiar a estruturação de políticas de educação infantil expressas nos projetos políticos pedagógicos das escolas. Com isso, as escolas afirmam o lugar das crianças, defendendo que suas infâncias sejam respeitadas e valorizadas.

Por compreender a infância como potencialmente capaz, acredita-se nas capacidades das crianças em expressar de diversas formas seus conhecimentos, seus afetos, suas necessidades, seus desejos e suas interpretações [...] (COLÉGIOS E UNIDADES SOCIAIS, 2015, P.24).

A opção institucional foi de oportunizar diferentes formas de promover aprendizagens significativas, não somente através das aulas síncronas.

2.2 Acompanhamento e suporte ao docente

O contexto pandêmico trouxe muitos desafios para os docentes. A estrutura da escola passou a ocorrer dentro das próprias casas, contando com recursos próprios e possibilidades para utilização das ferramentas digitais, estas, sim, institucionais.

Para Garziera (2020), “a escola, hoje, mais do que nunca está nas pessoas”. Neste sentido, a escola ultrapassou os muros estruturais e continuou existindo, graças aos esforços pessoais e aos processos institucionais balizados nos documentos norteadores das práticas.

Ao longo deste tempo, foram ofertados momentos de formação docente, no que tange à utilização das ferramentas, construção de vínculos, saúde mental, metodologias ativas, além de suporte contínuo dos setores de tecnologias educacionais e apoio pedagógico.

A escuta por parte da gestão para com os professores foi exercida como prática permanente e através de diferentes estratégias, tornando-se uma importante aliada na condução e retomadas das trajetórias. “A escuta preconiza o respeito aos modos distintos

como cada um pensa, sente e aprende”. (COLÉGIOS E UNIDADES SOCIAIS, 2015, p. 30). Para tal, momentos individualizados e coletivos de escuta e diálogo foram propostos, no sentido de acolher as angústias, preocupações e anseios, sendo indispensáveis para a manter a tranquilidade docente, apoiar e garantir a continuidade dos processos.

2.3 Acompanhamento aos estudantes – controle de presença, participação e avaliação

Outro grande desafio enfrentado neste período refere-se ao acompanhamento dos estudantes, tanto no controle de presença e participação, envolvimento e, sobretudo, de avaliação de aprendizagem. Para Colégios e Unidades Sociais da Rede Marista (2017, p. 14)

Pensar práticas de avaliação formativa e processual e não apenas somativa e classificatória tem sido o nosso esforço na perspectiva de entendermos que o processo de aprendizagem deve ser significativo em todas as suas etapas e que a avaliação é uma prática de autorregulação da aprendizagem.

Essas reflexões acerca das práticas avaliativas tornaram-se ainda mais necessárias, diante da diversidade de realidades dos estudantes e suas famílias.

Como nem todas as famílias possuíam estrutura para acompanhar as aulas de maneira síncrona, foram disponibilizadas as gravações das aulas, para que pudessem acompanhar em um momento mais adequado e oportuno dentro das suas rotinas e dinâmicas, o que dificultou o acompanhamento sistemático do aluno por parte do professor. Foram flexibilizadas ainda, para os que não possuíam acesso às tecnologias, as atividades de maneira impressa, as quais, após a realização, eram recolhidas à domicílio, tornando a aprendizagem acessível a qualquer realidade familiar. Essa nova dinâmica de acompanhamento discente desacomodou e tornou mais complexa a coleta de evidências do real processo de aprendizagem, visto que as atividades eram postadas pelas famílias e, portanto, apresentavam intervenção. As experiências pensadas para o ensino online devem oferecer possibilidades de interação com os conhecimentos, o desenvolvimento de habilidades e, também, evidências de aprendizagem, que servirão de base para, presencialmente, retomar e potencializar as aprendizagens. (BACICH, 2020).

Torna-se necessário mencionar situações nas quais a escola precisou intervir de maneira pontual, junto às famílias, que, por motivos diversos, não acessavam as plataformas, não realizavam as atividades propostas e não submetiam retornos para que o acompanhamento pudesse ocorrer.

Mas como “ser presença” (valor tão importante dentro dos princípios Maristas) estando fisicamente distantes? “Ser presença implica em viver no meio dos estudantes. A presença se propicia nos recreios, nas entradas, nas saídas, nos tempos livres, no lazer [...]

“(ESCORIHUELA, 2013, p. 93). Essa presença precisou ser ressignificada através de interações realizadas antes, durante e depois das aulas on-line, em recreios virtuais e em momentos lúdicos e interativos intencionalmente planejados.

Dentro da perspectiva de acompanhamento, os atendimentos a famílias e especialistas externos que acompanhavam alguns estudantes sofreram modificações; no entanto, se mantiveram garantidos ocorrendo de maneira on-line. Da mesma forma, processos como os conselhos de classe foram adaptados à nova realidade, ajustando os indicadores e o formato para que se pudesse atender a sua intencionalidade de ser “[...] o momento e o espaço de avaliação diagnóstica da ação educativa da escola, feita pelos professores e pelos alunos, à luz do Projeto Político Pedagógico” (CRUZ, 2005, p. 15).

2.4 A importância do papel da família no ensino remoto

A relação família e escola sempre foi de fundamental importância para o pleno desenvolvimento dos estudantes. No período da pandemia, essa parceria precisou ser intensificada e valorizada, tornando a família um corresponsável pela consolidação das aprendizagens. Considerando que a alfabetização comumente gera ansiedade nas famílias, pela complexidade e pelo nível de expectativa que se estabelece, as medidas de isolamento social e impedimento das aulas presenciais tornaram esse momento ainda mais ansiogênico, entendendo que as famílias puderam acompanhar de perto e comparar o desenvolvimento do seu filho perante os demais e ainda responsabilizar-se pelas não aprendizagens. Para Soares (2020) um efeito positivo da pandemia é os pais acompanharem melhor o processo de aprendizagem de seus filhos.

Muitas foram as falas e questionamentos das famílias sobre a alfabetização no ensino remoto, sobre o tempo de aula síncrona, o pouco preparo didático para auxiliar os filhos e conduzir as propostas. Deve-se considerar que, o tempo e a forma como foram alfabetizados, interferiu diretamente nas percepções sobre as concepções atuais de infâncias e alfabetização. O erro ortográfico na escrita espontânea, por exemplo, era visto pelas famílias como algo a ser corrigido, e não entendido como parte importante do processo, uma expressão do pensamento e da hipótese da criança. Todas essas questões demandaram habilidade e manejo das professoras e da equipe de gestão, explicitando as intencionalidades pedagógicas, balizadoras da nossa práxis.

Para minimizarmos esses impactos e traçarmos novos itinerários, foram proporcionados momentos entre as professoras e as famílias, no coletivo e individualmente. A escola também planejou rodas de conversa com a equipe pedagógica e profissionais de diferentes áreas de atuação, através de um projeto intitulado “*Nós na rede com as famílias*”,

com o objetivo de trabalhar o “nós” referente ao coletivo e os “nós” referentes aos obstáculos e dificuldades que percebemos nessa relação com a tecnologia e com a alfabetização acontecendo em tempos de ensino remoto.

2.5 Possibilidade de retorno presencial – do escalonamento ao retorno na totalidade nos anos do bloco de alfabetização

Ao final de 2020, medidas sanitárias foram flexibilizadas, possibilitando o retorno presencial ao colégio, respeitando regras de distanciamento e a capacidade máxima de pessoas na sala de aula. A instituição criou um comitê local, nomeado de Centro de Operações de Emergências (COE), responsável por acompanhar as recomendações dos órgãos competentes e tornar possível a presencialidade. Na ocasião, um novo desafio se apresentou com a necessidade de escalonamento das turmas, tendo sido divididas em dois grupos (A e B), com frequência semanal. Consequentemente, o grupo que não estava na presencialidade acompanhava as aulas de forma síncrona, sendo transmitidas do ambiente escolar. Cabe salientar que, nas narrativas das professoras, esse modelo bimodal foi o mais desafiador, considerando a necessidade de atender simultaneamente os estudantes presenciais e remotos e as especificidades da adaptação à nova rotina escolar de sujeitos não ambientados com a dinâmica da sala de aula.

Outro ponto relevante foi a limitação imposta pelos cuidados sanitários, restringindo o uso de recursos lúdicos e pedagógicos, os espaços e as interações entre pares, tornando menos potentes as propostas de exploração. Neste formato, finalizamos o ano de 2020. Mesmo que, por pouco tempo, foi um momento importante de retomada de rota, de intervenções docentes efetivas e que possibilitaram que a aprendizagem ocorresse.

Iniciando 2021, foi possibilitado o retorno presencial, ainda escalonado e nos mesmos moldes de 2020; porém, na sequência, novo decreto estadual exigiu o fechamento das escolas, retornando ao ensino on-line, no qual permanecemos até final de abril. Mediante nova liberação de presencialidade, optou-se por uma readequação dos espaços, visando possibilitar o retorno de todos os estudantes de 1º ano, buscando priorizar este público, entendendo a importância da interação e mediação do professor com o estudante no processo de alfabetização. Ainda que liberado o retorno, algumas famílias, apoiadas nas legislações vigentes, optaram por manter o ensino remoto tornando esta oferta obrigatória da parte da escola. Frente a isso, permanecemos com a transmissão simultânea das aulas nas turmas que não retornaram em sua totalidade.

3. Resultados e Discussão

3.1 Alfabetizando em tempos de ensino remoto

Muitos questionamentos emergiram no dia a dia dos professores durante a pandemia da covid-19 em relação à educação e ao processo de alfabetização. Como criar vínculo com a turma? Como alfabetizar à distância? Como saber se os estudantes estão aprendendo? À medida que os processos foram sendo adaptados e se estabelecendo, o grupo foi evidenciando tranquilidade e pensando em estratégias cada vez mais assertivas para que as habilidades de escrita e leitura pudessem continuar sendo estimuladas nos estudantes, mesmo que de maneira remota.

Escorihuela (2013, p. 93) aponta que “quando se soltam as amarras da distância que a ciência, a segurança e o poder impõem, o aluno se sente mais como ele é e revela melhor suas capacidades”. Ou seja, à medida que os docentes passaram a compreender a nova realidade que lhes foi imposta pela pandemia do coronavírus, passaram a compreender que todas as suas práticas e funções diárias deveriam ser readaptadas e ajustadas ao contexto atual.

Mesmo diante do contexto emblemático, ao final do ano de 2020, de um número total de 210 estudantes, divididos em nove turmas de 1º ano do Ensino Fundamental, no mês de setembro, enquanto ainda nos encontrávamos somente em ensino remoto, oito estudantes encontravam-se em nível pré-silábico, 17 estudantes em nível silábico, 42 estudantes em nível silábico-alfabético e 143 estudantes evidenciando nível alfabético de escrita, o que leva à compreensão de que, apesar das dificuldades impostas pelo distanciamento social, a aprendizagem foi efetiva para mais de 70% do total de estudantes. Cabe ainda ressaltar que os dados aqui informados são relativos ao levantamento realizado no dia 18 de setembro, apresentando evoluções até o encerramento do ano letivo, em dezembro seguinte. Os níveis de escrita foram avaliados segundo a Psicogênese da Língua Escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

Considerações finais

Ao longo deste tempo vivido dentro e fora dos muros das escolas, muitos foram os desafios, os aprendizados e as perspectivas emergentes. O que a pandemia nos ensinou? Ensinou, sobretudo, a acreditar no potencial e no poder de adaptação das crianças, no empenho docente e na formação continuada como uma possibilidade de estarmos sempre em construção e aprimorando nossas práticas.

Freire (1999) já dizia que viver é conviver, é se relacionar. Somos seres de relação. Somos incompletos e inacabados. Ao longo dos anos de 2020 e 2021, aprendemos caminhando. Perante a necessidade, nos adaptamos, aprendemos a nos relacionar de outras formas e tornamos a aprendizagem e a alfabetização processos possíveis e viáveis em um tempo de tantas incertezas.

Referências

GARZIERA, Caroline Brandelli. **COMO [re]aprendemos na pandemia?** Colégios da Rede Marista. Youtube. 17 de agosto de 2020. Duração 8min16s. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=lxVjNkvAfxI&t=4s> > Acesso em 29.jun.2021.

BACICH, Lilian. **Inovação na educação.** Disponível em: < www.lilianbacich.com/page/2/. > Acesso em 29.jun.2021.

COLÉGIOS E UNIDADES SOCIAIS DA REDE MARISTA. Gerência Educacional. **Diretrizes da educação infantil Marista.** Porto Alegre: CMC, 2015.

COLÉGIOS E UNIDADES SOCIAIS DA REDE MARISTA. Gerência Educacional. **Avaliação da aprendizagem: sujeitos, conceitos e perspectivas.** Porto Alegre: CMC, 2017.

ESCORIHUELA PUJOL, Josep María. **O educador marista: sua identidade, seu estilo educativo.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

SOARES, Magda. **Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia?** Disponível em < <https://www.futura.org.br/como-fica-a-alfabetizacao-e-o-letramento-durante-a-pandemia/>> Acesso em 29.jun.2021

UMBRASIL. **Evangelização com as infâncias: no Brasil Marista.** Brasília, DF, 2016.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. **Projeto Educativo do Brasil Marista: Nosso jeito de conceber a Educação Básica.** 1ª edição. Brasília: UMBRASIL, 2010.